ELEIÇÕES 2026

Entre radicalismo e moderação

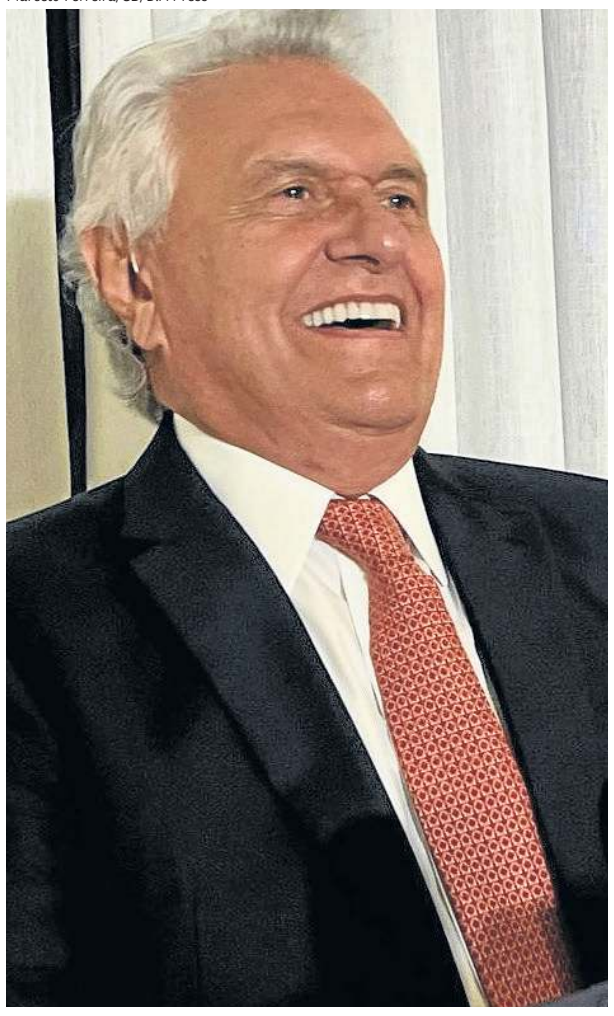
Presidenciáveis de direita almejam em herdar votos de Bolsonaro e levar o dos centristas. Mas ex-presidente se recusa a deixar o jogo

» DANANDRA ROCHA
» WAL LIMA

Instagram pessoal

Tarcísio teve de se reposicionar depois que colocou o boné do MAGA para não desagradar os empresários

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Caiado prometeu indultar Bolsonaro, se eleito presidente, mas quer votos de antipetistas moderados

Redes sociais

Zema faz acenos ao ex-presidente para herdar-lhe os votos, mas, na quinta-feira, foi torpedeado pelo filho 03

Apesar de ainda faltar mais de um ano para a eleição presidencial, a corrida ao Palácio do Planalto já começou, pelo menos no campo da direita. Com Jair Bolsonaro inelegível até 2030 e réu, no Supremo Tribunal federal (STF), por comandar um grupo que tentou dar um golpe de Estado no Brasil, em 2022 — conforme apontou a denúncia da Procuradoria-Geral da República (PGR) —, as peças se movem no sentido de herdar os votos do bolsonarismo, sem, no entanto, passarem a imagem de extremismo ao eleitorado. Mas o contrário disso também é verdadeiro. Ou seja, há quem busque a bênção do ex-presidente e queira os votos dos moderados de direita/centro.

Pesquisa divulgada em 24 de julho, elaborada pela Pulso Brasil/Ipespe, mostra que Bolsonaro segue como principal referência da direita e tem o apoio de 46% dos entrevistados. Em seguida, aparece o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), com 14%, acompanhado de outros governadores como Ronaldo Caiado (Goiás), Ratinho Júnior (Paraná) e Romeu Zema (Minas Gerais), citados por 3% do público. A pesquisa ouviu 2.500 pessoas, entre 19 e 23 de julho.

Segundo o levantamento, nem mesmo entre eleitores que aprovam o governo Lula, Bolsonaro perde o posto de principal nome da direita. Foi lembrado por 28% dos apoiadores do presidente. Entre os que desaprovam a gestão petista, a liderança é ainda mais expressiva — 64%. A importância do ex-presidente também é perceptível entre diferentes correntes ideológicas: 67% dos entrevistados que se identificam como de direita, 32% como de centro e 40% como de esquerda o reconhecem como a principal figura do antipetismo.

E é justamente esse manancial de votos que as pré-candidaturas de direita querem. O ex-presidente evita apontar um sucessor, mesmo porque ele tem o projeto de levar adiante uma candidatura presidencial, apesar de estar impedido de concorrer. Tal manobra não é inédita: Lula fez isso em 2018. Mesmo preso na sede da Polícia Federal, em Curitiba, condenado na Operação Lava-Jato, manteve a postulação ao Palácio do Planalto. Somente quando o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) indeferiu a candidatura, é que passou a cabeça de chapa ao seu então vice, o hoje ministro da Fazenda, Fernando Haddad — que fez do nome do PCdoB na corrida eleitoral, Manoela D'Ávila, companheira de chapa à época.

Resta saber quem entra com Bolsonaro na vaga de vice para, na hora H, assumir a candidatura. No círculo próximo, ganha força a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro, que vem percorrendo o Brasil com a bandeira do bolsonarismo e já apresenta cacoete de pré-candidata. Inclusive, no dia em que o ex-presidente colocou a tornozeleira eletrônica por determinação do ministro Alexandre de Moraes, do STF, a senadora Damares Alves (Republicanos-DF) a apresentou como possível sucessora do marido.

A favor de Michelle está o fato não apenas do carisma, mas, sobretudo, porque não se desgastou com o tarifaço imposto pelo presidente Donald Trump às exportações brasileiras para os Estados Unidos. A ex-primeira-dama não se pronunciou a respeito, tampouco foi às redes sociais exibir o boné do MAGA (Make America Great Again). Essas duas questões têm tudo para tirar pontos do deputado licenciado Eduardo Bolsonaro (PL-SP) e do governador Tarcísio de Freitas como possíveis substitutos de Bolsonaro nas urnas.

No caso do filho 03 do ex-presidente, a esquerda nas redes tem conseguido pregar nele a pecha de traidor da Pátria ao apoiar o tarifaço — apesar do recuo e, depois, afirmar que por sua influência Trump sancionou o Brasil. Isso, em tese, o vulnerabiliza numa corrida presidencial, como vice ou como cabeça de chapa e substituição ao pai. Sem contar o fato de que Eduardo, sempre que pode, lança dardos em nomes de proa do bolsonarismo — como o deputado Nikolas Ferreira (PL-MG) — para garantir o monopólio do discurso ao clã familiar.

Tarcísio, por sua vez, inicialmente estava em posição confortável para sair candidato à Presidência com a bênção do padrinho político. Participou de todos os comícios em São Paulo em torno de Bolsonaro, não poupou jamais referências elogiosas ao ex-presidente e evitou entrar em rota de colisão com Eduardo — sempre baixou o tom das respostas às críticas que recebeu do filho 03. Mas cometeu o erro de exibir-se nas redes usando o boné do MAGA em apoio a Trump. Com o tarifaço, teve de se reposicionar por conta da pressão dos empresários paulistas, que serão muito prejudicados pela taxação de 50%.

Por conta dessa manobra, o governador perdeu alguma consistência. Desagradou o clã, foi criticado pelos bolsonaristas raiz e não pôde ser enfático na defesa do ex-presidente, em relação ao qual fez anódinas declarações de apoio por conta da colocação da tornozeleira. Vem buscando uma linha de moderação e recorreu até mesmo à "para-diplomacia", nos contatos com o empresariado, para dividir com o governo federal o protagonismo nas tratativas contra o tarifaço. Uma forma de tentar livrar-se da pecha de "vendilhão da Pátria", que a esquerda também lhe pregou nas redes.

Porém, lideranças do Centrão, como o senador Ciro Nogueira (PP-PI), veem Tarcísio como um nome de grande potencial. Na sexta-feira, o parlamentar afirmou em postagem no X (antigo Twitter) que "vai chegar o dia em que teremos um presidente com a estatura de Jair Bolsonaro ou Tarcísio". O governador, para não correr o risco de afundar antes da hora, reforça sempre que seu objetivo é a reeleição ao Palácio dos Bandeirantes.

Indulto

Na terça-feira passada, depois de reunião com empresários para tratar do impacto do tarifaço, Caiado saiu em defesa de Bolsonaro. Classificou a colocação da tornozeleira como uma "perseguição", "absurda", "desproporcional" e uma "humilhação", afirmando que tais medidas não deveriam ser aplicadas a quem não foi condenado. "Não condizem com o regime democrático. Respeito as decisões judiciais, mas há limites. Julgar é papel da Justiça, vingar não. O Supremo julga, não vinga. Não se pode impor esse tipo de humilhação a quem sequer foi condenado", cobrou.

Pré-candidato do União Brasil, Caiado, permanentemente, faz afagos ao bolsonarismo. Além da participação nos comícios na Avenida Paulista, já disse que caso chegue ao Palácio do Planalto indultará o ex-presidente — algo que é bem recebido pelos empresários do agronegócio, cujos votos o governador de Goiás espera reunir.

Quem também ensaia a postulação ao Planalto é o governador de Minas Gerais, Romeu Zema (Novo), cuja pré-candidatura deve ser confirmada em 16 de agosto, em evento em São Paulo. Também de olho nos votos do bolsonarismo, assim como Caiado garantiu que indultará o ex-presidente. Não contava, porém, com o ataque de Eduardo Bolsonaro, na quinta-feira, que classificou-o com representante da "turminha da elite financeira". Porém, tal como Tarcísio, tentou ser ponderado na resposta ao filho 03 para não queimar pontes com o pai — disse que o deputado licenciado "criou um embaraço" no episódio do tarifaço — e acenar à Federação das Indústrias do estado (FIEMG) na defesa dos interesses do empresariado.

Já o governador do Paraná, Ratinho Júnior, tem mantido certa equidistância do bolsonarismo, embora não negue que seja apoiador do ex-presidente. Dos três, foi o primeiro a defender a formação de uma frente ampla da direita para enfrentar Lula, no primeiro turno. Isso foi replicado por Caiado, sábado, em evento da XP Investimentos, em São Paulo, evento do qual Ratinho também participou. Por ora, o governador tem investido em um perfil mais discreto e proclamado que, perto de o tarifaço entrar em vigor na próxima sexta-feira, o momento é de concretizar medidas para evitar impactos pesados sobre o empresariado paranaense e na arrecadação do estado.

Diante desse cenário de indefinições, mas com vários postulantes, a cientista política Letícia Mendes, especialista em Poder Legislativo da BMJ Consultores Associados, adverte que os nomes associados ao bolsonarismo têm pouca capilaridade nacional, apesar da forte base em seus estados. Ela afirma que o PL deverá usar a imagem de Bolsonaro como ativo eleitoral, mas terá que equilibrar o discurso caso queira agregar os votos do eleitorado moderado, mas antipetista.

"A direita precisa modular seus discursos com cautela para não afastar o eleitorado de centro", observa.

ROBERTO BRANT

A SEU TEMPO, AS TARIFAS DEIXARÃO DE EXISTIR, E O GOVERNO TRUMP CHEGARÁ AO FIM. ASSIM DIVIDIDA, A NAÇÃO BRASILEIRA TALVEZ NUNCA MAIS SEJA A MESMA

Sem unidade para resistir

O governo americano está prometendo trazer de volta ao seu país uma antiga grandeza que ele tem a fantasia de ter perdido. Grandes movimentos políticos quase sempre são alimentados não por fatos, mas por poderosas ficções que embriagam as pessoas por um certo tempo.

Como tudo o que não é verdadeiro, essa embriaguez acaba se dissipando, deixando, no entanto, em seu rastro muitas perdas e muito sofrimento. Na busca pela grandeza perdida o governo está empenhado em desconstruir o sistema internacional de comércio, para negociar com cada país, aliado ou não, novos termos que sejam favoráveis à América, independentemente de serem os novos termos justos ou não.

Nessa cruzada ninguém ficou de fora, mesmo os parceiros mais próximos, como Canadá, México e Europa. Em todos estes casos, a motivação tem sido exclusivamente econômica, a abertura dos mercados, sem qualquer restrição, às exportações americanas.

O caso do Brasil foge às linhas dessa lógica. As importações totais dos Estados Unidos estão em torno de US$ 4 trilhões por ano, dos quais apenas 1%, ou sejam, US$ 40 bilhões são provenientes do Brasil. Além do mais, em nosso comércio bilateral, os EUA têm sido sistematicamente superavitários, exportam mais do que importam, com um saldo positivo de US$ 7 bilhões por ano. É claro que não temos nada a ver com o gigantesco deficit americano.

O presidente Donald Trump, sem amparo nos fatos, chegou a dizer que o Brasil tratava injustamente os EUA, querendo dizer com isso que praticávamos tarifas desiguais na entrada de produtos americanos. A Amcham, a Câmara Americana de Comércio para o Brasil, desmentiu a afirmação, mostrando que nossa tarifa ponderada efetiva aplicada aos EUA era de apenas 2,6%, enquanto com relação ao resto do mundo era de 4,3%.

Apesar disso, seremos penalizados com uma tarifa geral de 50%, maior do que as que serão impostas a todos os países, com a exceção da China. E nos fundamentos de tal decisão foram acrescentados motivos não comerciais, que ferem abertamente nossa soberania e que, portanto, estamos impedidos de negociar. A todos os países atingidos pelo ataque tarifário foram abertas mesas de negociação, nas quais estão sendo tratados exclusivamente comércio e investimentos, ao passo que os canais de diálogo estão fechados para nós.

Para complicar mais ainda as coisas, o Escritório de Representação Comercial americano, órgão de nível ministerial, abriu uma investigação contra o Brasil para apurar práticas desleais do nosso sistema tarifário, no comércio digital, nos pagamentos eletrônicos e até no desmatamento ilegal. Ou seja, há uma investida pesada contra a economia e o povo brasileiros.

Dada a realidade do momento, as tarifas punitivas, quase um embargo comercial, entrarão realmente em efeito em agosto, causando danos e prejuízos imensos a várias de nossas mais importantes cadeias produtivas. Perderemos renda e empregos, pois precisamos de tempo para encontrar novos mercados e, até lá, muitas empresas poderão deixar de existir. Se cometermos o erro de retaliar, as consequências serão imprevisíveis.

A punição ao Brasil é um ato sem precedentes na longa história das relações com os EUA e sem precedentes nas relações comerciais internacionais, tendo assumidamente um caráter político. Deveria, por isso, mesmo merecer o repúdio da comunidade internacional, mas nenhum país do mundo quer expor-se à vingança inevitável.

Para resistir, só contamos com os brasileiros. No entanto, pesquisa publicada em 24 de julho, do Ipesp, revela que apenas 61% dos brasileiros reprovam o governo Trump, restando 33% que o aprovam, apesar de tudo. São uma minoria, mas uma grande minoria, cerca de 50 milhões de eleitores. Se numa questão de tal modo existencial não estamos reunidos no mesmo propósito, que força teremos para resistir?

A seu tempo, as tarifas deixarão de existir, e o governo Trump chegará ao fim. Assim dividida, a nação brasileira talvez nunca mais seja a mesma.